

O Heraion Argivo e a formação da pólis de Argos

Silvana Diniz*

DINIZ, S. O Heraion Argivo e a formação da pólis de Argos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 57-69, 2011.

Resumo: Este artigo propõe-se a apresentar a evolução do santuário de Hera na planície da Argólida, conhecido como Heraion Argivo, no contexto do desenvolvimento das comunidades da planície durante o Período Arcaico. No séc. V, a pólis de Argos, passou a controlar o Heraion e implementou importantes mudanças, especialmente em relação à arquitetura e aos ritos, na intenção de expressar a legitimidade de seu controle sobre a planície.

Palavras-chave: Heraion – Argólida – Pólis.

O papel e a relevância dos santuários na formação do mundo grego a partir do séc. VIII a.C. é uma questão que tem ocupado um lugar de destaque na discussão tanto de arqueólogos quanto de historiadores que lidam com o assunto a partir de diversos enfoques. A questão é que os santuários constituem, muitas vezes, as primeiras estruturas que podem ser denominadas de espaço coletivo e, portanto, são índices importantes do surgimento de um tipo de organização social e política chamada pólis (Snodgrass 1981, cap. 3; Polignac 1995, introdução).

Outro ponto importante envolvendo o estudo da relação entre santuários e a organização da pólis é a questão do modo como tais santuários, sendo espaços de construção de identidade fulcrais, mostram a variedade da organização do político em cada comunidade.

O culto de Hera está dentre os que obtiveram grande importância em certas comuni-

dades durante o Período Arcaico. Os *Heraia* estavam dentre os primeiros a receberem incremento monumental e ricas oferendas votivas. Certas comunidades com as quais o culto de Hera estava vinculado podem ser já chamadas de *pólis*.

Tal fato tem chamado a atenção de vários estudiosos, notavelmente de Polignac (1995, *passim*), que valeu-se do culto de Hera para a elaboração de sua tese sobre a relação entre cultos e formação dos territórios da pólis. Ao longo do livro *La Naissance de la Cité Grecque*, de Polignac defende a idéia segundo a qual determinados santuários desempenharam papel fundamental para a formação e consolidação da pólis. Para o autor, a formação de fronteiras condicionava o surgimento e a própria existência da pólis, de modo que os santuários eram os meios de demarcar e consolidar simbolicamente estas fronteiras. Ao longo dos capítulos, Polignac mostra como vários cultos de Hera desempenharam um papel muito relevante para a formação da pólis, fato demonstrável pela localização de seus santuários, bem como pela precocidade de sua existência.

(*) Mestranda em Arqueologia Clássica pelo Labeca MAE / USP. Bolsista Fapesp. silvanadiniz06@gmail.com

Por conseguinte, notamos o benefício do estudo de caso de um santuário de Hera e seu culto, nomeadamente, o *Heraion* de Argos. Este santuário constituiu uma das principais peças argumentativas da interpretação de de Polignac a respeito da construção de um território políade e o papel de fronteiras simbólicas ditadas por santuários. A interpretação de de Polignac sobre o culto de Hera no *Heraion* Argivo recebeu algumas respostas, como veremos, fato que permite discutir os problemas que têm gerado tal debate. O *Heraion* Argivo permite ensaiarmos a relação de sua evolução com as transformações políticas e sociais da Argólida em articulação com o desenvolvimento da pólis de Argos.

Assim, estudando o caso do *Heraion* Argivo no contexto maior do desenvolvimento histórico da planície da Argólida, pretendemos lidar com a documentação, constituída ela, em sua maioria, de artefatos, a partir de determinados enfoques. Em nosso intuito, procuramos nos adaptar à tendência que percebemos nos autores que respondem às questões relativas às funções dos santuários no mundo grego, tendência esta que consiste em fragmentar, contextualizar e diversificar as funções, motivações, interesses sociais e políticos em relação à dinâmica dos santuários e seu posicionamento no espaço, os quais não podem ser reduzidos a atualizações de um ideal.

Utilizamos uma abordagem com as três características seguintes:

1) O exame da evolução dos padrões de assentamento na região da Argólida desde o Período Protogeométrico até o Período Clássico, o que permitirá visualizar a hierarquização dos assentamentos da Argólida no contexto da definição da *khóra* de Argos.

2) Exame da organização espacial da *ásty* de Argos, bem como dos outros assentamentos importantes da Argólida e que eram rivais de Argos durante o Período Arcaico. O ponto importante a ser discutido é a especialização dos espaços e a criação de espaços coletivos materialmente demarcados.

3) Enfim, nosso intuito é buscar a relação dos itens acima com a evolução da própria organização do *Heraion* examinando seu desenvolvimento espacial/arquitetônico e a história do uso do santuário desde o séc. VIII a.C. até o final do séc. V a.C.

Partimos do pressuposto de que o *Heraion* Argivo só pode ser considerado em si um espaço de (re)produção das relações sociais na pólis apenas quando a *noção* de espaços coletivos *diferenciados* e demarcados já existia, sejam estes ligados ao âmbito das deliberações coletivas, sejam os de caráter principalmente cultural.

A Argólida divide-se em duas áreas principais, a ocidental, dominada pela planície argiva, e a que nos interessa no presente artigo, e a oriental. Ambas eram separadas pelo monte Aracnaion, fato que ocasionou que tivessem desenvolvimentos separados (Gadoulou 2002). A Argólida Ocidental apresenta tendências conjuntas de desenvolvimento, o que torna útil uma análise articulada dos sítios no contexto da região da planície. Todos os assentamentos da Argólida Ocidental tinham em comum pelo menos a característica de dependerem da fertilidade da planície para seu sustento. Podemos sugerir que a paisagem participou pelo menos de alguns aspectos dos cultos argivos, tal como a ênfase na fertilidade.

A planície da Argólida é bastante fértil e protegida por montanhas íngremes ao seu redor. Argos estava localizada em uma planície aluvial de c. 250 km, definida a leste e oeste por duas cordilheiras de montanhas, enquanto a sul dava para o mar. A paisagem de Argos é dominada por duas colinas: a de Larisa, de c. 300m, e a do Profeta Elias, de quase 90m. A ravina do Deiras, aos pés da qual o assentamento de Argos começou a se desenvolver, separa ambos os conjuntos montanhosos. Existiam alguns rios que proviam água ao assentamento e ajudavam por sua vez a delimitá-lo. O rio Cáradros (Xerias atual) era um riacho sazonal que desemboca no Ínacos, intermitente este, enquanto o rio Erasinos era perene. O sítio da *ásty* de Argos está na confluência das rotas que conduziam para fora da Argólida. Era, pois, um sítio com

outras *poleis* dentro de si, durante os séculos V e IV a.C., principalmente. Argos e as outras *poleis* da Argólida possuíam vocação agrícola, e a planície era a grande provedora de seus sustentos (Kelly 1974: 5-9).

Durante o período Micênico, a Argólida foi uma das regiões mais preeminentes do mundo balcânico, com seus poderosos centros palacianos de Micenas e Tirinto. Argos também era um assentamento já na Idade do Bronze, embora de caráter e importância secundários (Piérart 2000: 13). As mudanças e rupturas que ocorreram no Egeu em fins do segundo milênio não deixaram ileso a Argólida. A maior parte dos assentamentos foi abandonada, com exceção de Argos, Micenas e Tirinto (Foley 1988: 23).

Durante os períodos Submicênico e Protogeométrico (do séc. XI ao IX a.C.), mais conhecidos como Idade Obscura, o registro arqueológico de Argos tornou-se o mais proeminente, e ao longo do período Geométrico, tal primazia do sítio no contexto da Argólida se acentuou cada vez mais, ao contrário de sua situação na época Micênica (*idem*, pp. 35-40). Os indícios materiais desses tempos se encontram difusos por todo o sítio (Bernal 1992: 65), sem vínculos entre si, o que permite afirmar que Argos ainda não podia ser caracterizada como uma comunidade com consciência coletiva. Ainda assim, há uma distribuição das habitações em principalmente três setores do futuro centro urbano (Vink 2002: 56); o que não havia era um espaço formal coletivo, mas os habitantes situavam-se em um espaço físico comum.

É no período Geométrico que acontece uma expansão de maiores proporções na área da futura *ásty* de Argos. Muitos autores, notavelmente Snodgrass (1980, *passim*), pensam que houve aumento populacional nessa época e chamam-na de Revolução do século VIII a.C.. No Geométrico Final, fim do séc. VIII a.C., a ocupação se estendeu por praticamente toda a superfície da futura pólis. No monte Larisa, na acrópole argiva, foram recuperadas oferendas votivas datadas do mesmo século em questão e que estavam inseridas no contexto dos futuros santuários urbanos de Atena e de Zeus (Hägg 1992: 14). Este achado constitui a primeira evidência de culto coletivo e indica também

crescente identidade coletiva, também manifestada no registro funerário, pois perceptível é a busca da organização dos sepultamentos em espaços funerários especializados (Foley 1988: 35-40). Ainda que não haja um cemitério unificado, buscava-se agora agrupar os túmulos na periferia da cidade florescente (*Idem*). Durante o séc. VIII a.C. havia prática de culto na área da futura ágora, mas ele desapareceu no séc. VII a.C.. De qualquer forma este culto indica que a área da ágora já era um espaço coletivo no final do Período Geométrico, mostrando, assim, a existência de especialização dos espaços já nesta época. Nesta mesma época, túmulos em *cista* predominavam e eram os mais importantes. Os túmulos de homens eram providos com objetos que enfatizavam papéis sociais. A expressão de ênfase na especialização dos papéis sociais pode ser vinculada ao fenômeno da especialização dos espaços. Em suma, no Período Geométrico, é possível constatar o surgimento de áreas públicas distintas das privadas.

Os outros assentamentos da Argólida seguiam os mesmos passos de Argos, mostrando, logo, que os desenvolvimentos no sítio de Argos não eram fenômenos isolados. No Geométrico a ocupação da planície é reassumida em sítios até então abandonados, tais como Dendra, Lerna e Berbati, e novos surgem, tal como Kourtaki (*Idem*, pp. 40-46). Ainda que Argos fosse certamente o sítio preeminente da planície durante o Período Geométrico, Micenas e Tirinto revelam tendências de desenvolvimento análogas às de Argos durante essa época, isto é, surgimento de espaços públicos com funções de caráter coletivo, bem como concentração de túmulos em um espaço delimitado para tal função. Ambos os sítios são essenciais para a discussão do status do *Heraion* até a época clássica (*Idem*, *passim*).

Micenas e Tirinto não são sítios tão ricos em túmulos como Argos, e o local dos *hábitats* ainda não foi encontrado; talvez porque o padrão de ocupação tenha sido difuso (*Idem*, *passim*; Hall 2006). Ambos os sítios apresentaram desenvolvimentos semelhantes ao de Argos durante o Período Geométrico, embora em menor escala. Há evidências materiais que sugerem manifestação de identidade coletiva. Até o Geométrico Final, era usual sepultarem-se os

mortos junto às ruínas da Idade do Bronze que ali jaziam, mas, a partir de então, elas tornaram-se áreas exclusivas de santuários, construídos em meio aos palácios, enquanto as atividades funerárias se deslocaram para a cidade baixa (Foley 1988). Consiste, pois, este fenômeno, em uma mudança de atitude das populações de Micenas e Tirinto em relação a suas cidadelas respectivas e da construção de uma memória coletiva baseada no passado.

Por outro lado, os arqueólogos conjecturam que Argos tenha passado por mudanças durante o século VII a.C. (Foley; Morris 1987). Foley (1988: 173) acredita que a Argólida tenha passado por uma forte seca tal como teria ocorrida na Ática; seca testemunhada pelo decréscimo drástico de túmulos (Camp 1986). De forma geral, os traços da *ásty* arcaica pertencentes a esse século tornaram-se bastante escassos. As tumbas em *cista* desapareceram em favor de enterramentos em *pithoi* cilíndricos de grandes dimensões servindo a sepultamentos múltiplos, sem grande diferenciação de riqueza. Além disso, o número de sepultamentos diminuiu consideravelmente e a extensão do assentamento sofreu forte redução, o que indicaria diminuição da população. Morris (1987, *passim*) propôs outra explicação, afirmando que as mudanças no padrão de sepultamento indicariam antes mudanças da ideologia da pólis. De qualquer forma, considera-se que o século VII a.C. tenha sido um período decisivo para a consolidação da pólis argiva. O séc. VI a.C. não representa mudanças significativas da documentação arqueológica do sítio de Argos e da Argólida em geral (Foley 1988: 47-52). Muitos assentamentos que surgiram no séc. VIII a.C. desapareceram nesta época, mas em Argos, registra-se apenas menos produção de artefatos.

É crucial para a problemática de nossa pesquisa a formação do território da pólis de Argos até o séc V. As questões principais vinculam-se ao status político dos outros assentamentos e se existia unidade política na planície da Argólida sob a égide de Argos. Contudo, é um ponto de discussão na literatura a data do sinecismo de Argos, bem como a natureza da relação de Argos com os outros assentamentos da planície.

Alguns autores têm argumentado em favor da existência de identidade cultural dentro da planície da Argólida. Morgan e Whitelaw (1991, *passim*) tentaram mostrar a existência de variação da cerâmica da Argólida em relação com a formação do Estado argivo. Concluíram que a semelhança dos estilos de Argos, Tirinto e Micenas aumentou no período Geométrico em razão da intensificação da competição entre as comunidades.

Piérart, por sua vez, argumenta que existia certa unidade política na época arcaica. Segundo ele, Argos, Micenas e Tirinto utilizavam o mesmo tipo de alfabeto e, sobretudo, as tradições míticas vinculadas a Argos, Micenas e Tirinto eram convergentes, enquanto outros lugares conquistados posteriormente por Argos possuíam tradições míticas distintas (Piérart 1997: 33). O problema da identidade cultural remete à questão de etnicidade, na qual não pretendemos nos aprofundar no momento.

Entretanto, identidade cultural não implica em identidade política. Nas discussões do caso da Argólida e da formação da pólis de Argos, pode-se notar duas posturas divergentes.

Alguns pesquisadores pensaram que Argos possuísse o controle incontestável de toda a planície da Argólida desde o séc. IX, e que já nessa época já entrasse em conflitos armados com Esparta. Kelly (1976) foi o primeiro a questionar tal opinião, a qual seria o produto de uma visão não crítica dos textos antigos, entre eles Heródoto. Kelly demonstra que não há indícios convincentes que demonstrem a existência de um império de Argos, mas sim o contrário. Tampouco Argos e Esparta devem ter travado guerras pelo controle de territórios em data tão remota. Para ele, a consolidação do poder de Argos ocorreu em fins do séc. VIII a.C.. Esta é uma postura assumida por vários outros autores (e. g. Tomlinson 1972; Morgan 1990; O'Brien 1992; Baumbach 2004). Para formularem seus argumentos, tais autores valem-se do *Heraion* argivo como indício do domínio de Argos sobre a planície; o santuário é, pois, o testemunho das fontes escritas antigas. Entretanto, pensamos que o estudo do *Heraion* e de seu envolvimento para o desenvolvimento histórico das comunidades da planície argiva é mais complexo.

Sem dúvida, a interpretação de de Polignac sobre o papel do *Heraion* argivo para a consolidação da pólis de Argos é a que gerou mais discussões, já que ele se vale desse santuário para criação de seu modelo sobre a relação entre santuário, formação da pólis e território, como mencionamos.

Jonathan Hall toma uma postura inversa, criticando as propostas de de Polignac. Ele busca mostrar que os indícios que vinculam o *Heraion* a Argos antes de c. 575 a. C. não são seguros. Ele defende que o *Heraion* tenha sido, de início, vinculado provavelmente a Micenas, e não a Argos, já que Hera estava tradicionalmente mais ligada àquela comunidade. Argos teria assumido o controle do santuário só com a conquista de Micenas e Tirinto, ocorrida em meados do séc. V a.C.. Ele ainda afirma que alguns objetos encontrados no *Heraion* indicam mais semelhança com artefatos de Micenas do que com os de Argos; outro indício é uma ponte que ligava o *Heraion* a Micenas, bem como a maior proximidade deste sítio ao santuário (c. 5 km, enquanto Argos dista c. 9 km).

Alguns poucos vestígios pesam em favor da autonomia de alguns assentamentos. Considera-se que, no séc. VII a.C., Tirinto possuísse certa independência, pois uma inscrição encontrada aí indica que havia instituições poliades (Hall 1995: 593). Este mesmo assentamento seguia práticas funerárias aparentadas a Argos, mas, diversamente de Argos, *píthoi* eram a regra no Período Geométrico, enquanto em Argos, predominavam túmulos em cista. Já que Tirinto e Micenas desenvolveram espaços coletivos a partir do séc. VIII a.C., a autonomia de tais comunidades é uma possibilidade forte.

As discussões a respeito do controle pela pólis de Argos sobre a planície da Argólida é menos controversa, já que as fontes antigas mencionam claramente este fato. Contudo, ainda não se chegou a um consenso sobre o desenvolvimento político de Argos no séc. V. Para essa questão, Piérart e Kritzas forneceram algumas interpretações.

Um incidente condicionou a postura de Argos ao longo do séc. V: o assim chamado massacre de Sepéia, que ocorreu no contexto das guerras então intermitentes entre Argos e

Esparta (Piérart 1997: 155-157). Nesta ocasião, a maioria dos combatentes argivos pereceu, deixando a pólis sem grande parte da população masculina e dos chefes de família. Sem pormenorizar as discussões a respeito do grupo imediatamente favorecido com tal ocorrência, é importante ressaltar que os descendentes dos cidadãos massacrados não conseguiram manter sua primazia na pólis e, portanto, foram obrigados a negociar com os elementos desfavorecidos, os periecos (*Idem*, p. 157). Desta forma, a democracia foi instituída como medida para a reorganização radical da estrutura da pólis (Kritzas 1992: 232-233; Piérart 2000: 42), medida análoga à ateniense.

O mérito de Piérart e de Kritzas é a tentativa de conciliar as informações aparentemente contraditórias dos autores antigos em um modelo plausível do desenvolvimento da pólis argiva. Primeiramente, após o desastre de Sepéia, buscou-se a manutenção da ordem aristocrática, mas a solução necessária foi finalmente a instituição da democracia, um esforço de reorganização radical das estruturas cívicas somente comparável à reforma de Clístenes em Atenas (Piérart 1997: 333). Ele propõe a seguinte reconstrução do processo histórico no início do séc. V a.C.. Após o incidente de Sepéia, os aristocratas argivos teriam confiado o governo da pólis a seus servos, ignorando os periecos. Quando os filhos dos mortos cresceram, eles destituíram os *douloi*. A solução que os argivos encontraram para sanar a impotência da pólis foi a reforma democrática, mas, para tanto, foi necessária a conquista do território da planície. Pausânias (2, 25: 8) menciona que Argos fortaleceu-se destruindo Micenas, Tirinto, Orneai, Hisioi e incorporando seus habitantes. Conforme Piérart, as terras conquistadas provavelmente se tornaram domínio público e foram distribuídas entre as tribos (Piérart 1997: 333). Conforme as análises da documentação epigráfica de Piérart e de Kritzas (1992), uma quarta tribo, a dos *Hynarthioi*, foi adicionada às três tribos dóricas tradicionais, as dos *Dymanes*, *Pamphilai* e *Hylleai*, em decorrência das necessidades da reforma democrática. A nova tribo agrupava os elementos periecos.

Os dados sobre o desenvolvimento de Tirinto e Micenas são muito fragmentários. Notamos que ambos os sítios de Micenas e Tirinto, que igualmente se tornaram *póleis*, apresentam desenvolvimentos semelhantes a Argos. Contudo, a partir do séc. V a.C., eles tiveram desenvolvimento diverso ao de Argos (Hall 2006: 95-97), pois declinaram em importância, enquanto a pólis de Argos avançou em tamanho e riqueza. Não seria possível especificar se tal fenômeno decorreu de uma tendência de longa data, ou simplesmente decorreu da destruição que Argos infligiu sobre ambos os assentamentos.

A instituição da democracia foi acompanhada de um programa espetacular de grandes obras, tanto na *ásty*, quanto no *Heraion*. Na ágora, o coração da vida cívica de Argos, uma série de monumentos surgiu. Em meados do séc. V a.C., a assim chamada Sala Hipóstila, que pode ter tido a função de *buleutério* ou *pritaneu*, era um edifício quadrado, situado a leste da ágora (Pariente 1998: 165-167). Da mesma época, data uma *stoá* provida de pórticos e que foi construída a 26m da Sala Hipóstila. Perto da ágora, havia também o templo K, pertencente a esse mesmo projeto de construções. Um teatro de degraus retos foi erguido perto do santuário de Afrodite e do *Pron*, a norte da cidade. Pensa-se que a função do *Pron* era de local de reunião para a Assembléia e o Tribunal (*Idem, ibidem*).

Todas as construções da *ásty* de Argos acima citadas associavam-se de algum modo diretamente à democracia. O *Heraion* argivo igualmente sofreu grandes transformações aparentemente em articulação com a instituição do novo regime (Billot 1995). Tais mudanças são discutidas aparte (*vide infra*, na discussão do culto de Hera), por ora urge ressaltar a grande importância que o *Heraion* teve na instauração da democracia, de tal forma que, como ocorreu com os monumentos cívicos, as atividades e estruturação física deste santuário tiveram de se transformar.

Durante o séc. V a.C., as vicissitudes históricas de Argos estiveram articuladas ao desenvolvimento das *póleis* de maior poder, obviamente Atenas e Esparta (Pierart & Touchais 1998: 61-64). Em seu envolvimento na guerra do Peloponeso, os argivos concluíram aliança com

os atenienses, como era de se esperar devido à sua rivalidade com Esparta e à identidade de regime político. Houve apenas dois momentos de instabilidade da democracia ao longo dos séculos V e IV a.C., em 417 e 370, em favor de facções pró-Esparta (*Idem, p. 66*).

No séc. IV, obras públicas continuaram em Argos, por exemplo, a pista de dança e o estádio (Pariente 1998: 242). Contudo, o *Heraion* não reteve mais o interesse de outrora, pois não houve mais atividades de construção no santuário depois de 417, e o importante festival dos *Hekatombaia*, juntamente com os concursos que dele faziam parte, foram transferidos para a *ásty* (Amandry 1982: 245). Estas mudanças significam que a procissão de c. 8 km, ocorrida anualmente da ágora até o *Heraion*, e mencionada por Heródoto (I, 102) e Píndaro (*Nem.*, 10), não era mais realizada.

Os registros sobre o *Heraion* Argivo

O *Heraion* Argivo, próximo a *Prosymna*, foi sempre o maior e mais rico santuário da Argólida (Billot 1995; Baumbach 2004). Ele estava situado bem próximo aos *thóloi* do Período Micênico, a 8 km de Argos, 5 km de Micenas e a 11 km de Tirinto. A primeira evidência de ocupação remonta ao Período Heládico Primitivo e consiste em um assentamento situado sob a *stoá* sul e no local do antigo terraço do futuro *Heraion* (Baumbach 2004: 76). Não é seguro afirmar que nestes tempos o sítio já era local de culto.

Os primeiros indícios de culto são ambíguos, consistindo de menos de uma dezena de alfinetes e fíbulas datados do séc. IX a.C., de modo que não se sabe se o santuário remonta a data tão antiga; ainda assim, podem ser considerados *termini post quem* para a datação (Billot 1995: 26). Por outro lado, o que importa é que o interesse pelo santuário se acentua em meados do séc. VIII a.C. e, portanto, segue a tendência dos outros cultos da planície.

Do séc. VIII, data o assim chamado terraço ciclópico, que é a estrutura mais antiga do santuário. Situa-se na área mais alta do témeno e medeia 55.8 m x 34.4 m. A técnica que foi

utilizada em sua construção é semelhante àquela do período Micênico. Os blocos imensos eram de formato poligonal. Waldstein (1902, *passim*) e os outros escavadores americanos pensaram inicialmente que tal edificação remontasse ao período Micênico, mas a descoberta de cerâmica geométrica em seu estrato mais profundo indica uma data em fins do séc. VIII a.C.. Neste caso, a intenção de sua edificação foi uma emulação intencional das estruturas do período do Bronze. Do séc. VIII a.C. também data o altar, que estava localizado no terraço médio, onde posteriormente seriam erguidas *stoai* e *hestiatória*.

Os primeiros indícios de construção de edifícios remontam somente ao século VII a.C. (Billot 1997: 27). Um templo foi levantado sobre o terraço ciclópico, mas apenas alguns fragmentos seus restaram: só uma parte do estílabo sul. Ele era um templo periptero de 6x14 colunas. Não é possível afirmar se ele tinha um ádito ou um opistódomo (Idem, p. 35). Por causa de comparações com o templo de Hera em Olímpia e o templo de Atena Aléia em Tegea, ele foi datado de fins do século VII a.C..

Do séc. VI a.C. datam uma série de fragmentos arquitetônicos. Uma longa *stoá* foi construída no início do século VI a.C., a norte do terraço médio. As medidas desse monumento são: 62.10 m x 9.20 m. A leste desta *stoá* norte, foi edificada uma *stoá* menor no segundo quarto do séc. VI a.C. (20.6 m x 6.9 m). Na borda do terraço médio, a oeste, foi construído um *hestiatório* ('Construção Oeste') no final do século. O periptero do terraço superior não recebeu nenhum programa aditivo de construção.

Durante o século V a.C., o santuário de Hera foi extensamente reformulado. A *stoá* norte foi ligada à *stoá* oeste através de degraus, os quais conduziam ao terraço superior, onde se encontrava o templo arcaico. Uma *stoá* sul foi erigida em meados do séc. V a.C., em concomitância às paredes de sustento do terraço médio, as quais serviam para sustentar o templo clássico, construído este, por sua vez, em 423 a.C. Com isso, pensa-se que o templo clássico já havia sido planejado desde meados do séc. V a.C., e sua concepção não decorreu do incêndio de 423 a.C. mencionado por Tucídides (Amandry 1952: 250).

Esse novo templo, provavelmente construído entre 423 a.C. e 417 a.C. não se situava sobre o antigo arruinado, mas sim no terraço onde se situava o altar, bem como as *stoai* e o *hestiatório*. Ele consistia em um edifício de estilo dórico, *dístilo* e *in antis*. Seguiu as proporções dos edifícios da segunda metade do séc. V a.C., por exemplo, o Pártenon e o Hefesteu. Roux (1961: 58) observa que o templo de Hera segue os desenvolvimentos arquitetônicos de Atenas, e compara-o, igualmente, ao templo de Apolo em Bassai, de estilo estritamente dórico. Pfaff (2003: 214) pensa que no que concerne a evolução de estilos, o templo de Hera estava em um meio termo, conservando elementos tradicionais, bem como adotando inovações arquitetônicas dos edifícios atenienses. A adoção de elementos estilísticos atenienses não implicaria para este autor em nenhuma afirmação política por parte da democracia argiva, mas antes em uma busca para encontrar soluções criativas e diferentes.

No *Heraion* Argivo, foi encontrada grande quantidade de oferendas votivas, principalmente datadas do Período Arcaico.

Apresentamos as que reunimos, agrupadas por temáticas:

1) Fertilidade feminina: Figuras de terracota de mulheres sentadas com pombo na mão. Mulher grávida. Miniaturas de camas. Pelo menos 10 chaves (ocorrem em santuários de deusas vinculadas a nascimento).

2) *Kourotrophia*: Terracotas de mulheres com as mãos nos seios (indicando o ato de amamentar). Terracotas de mulheres com crianças e de pombos com filhotes. Terracotas representando comida devem indicar alimentação de crianças.

3) Proteção (amuletos): Selos com perfuração em grande número. Escaravinhos egípcios e de influência egípcia em grande número e usados como amuletos. Amuletos de concha e coral.

4) Oferendas de deuses assistentes, mas que não possuíam culto ai: Estatuetas do deus egípcio Bes, ligado a fertilidade, parto e proteção de crianças pequenas.

5) Casamento: Imagem de fíbula com representação de encontro entre casal, provavelmente Zeus e Hera e, assim, trata-se de uma *hierogamia*;

a mulher segura uma romã na mão esquerda. Figurações em hidrias de Hera como uma donzela, feitas de bronze e que serviram como prêmios em concursos ligados com o festival da deusa.

6) Lar e família: Miniaturas de casas (é muito menos provável que sejam templos de estilo *oikos*).

7) Vestimento e manufatura: Grande número de pedaços de tear. Milhares de alfinetes. Centenas de fibulas.

8) Proteção da agricultura e vegetação:

Os cultos da Argólida

Tal como em outras regiões da Grécia, a Argólida conheceu um grande desenvolvimento das atividades culturais a partir do séc. VIII a.C. (Hägg 1992). Ainda não existe um estudo detalhado da paisagem religiosa da Argólida, análogo ao que Jost (1985; sínteses em 1992 e 2001) fez em relação aos santuários da Arcádia. Existiam muitos pequenos santuários na Argólida em diversos sítios. Contudo, infelizmente, não foram realizadas pesquisas suficientes que permitam precisar suas datas. Alguns podem datar do séc. VII a.C., enquanto outros do séc. VI a.C., tudo é incerto. Mas de qualquer forma, o status do *Heraion* como um importantíssimo santuário no contexto da planície da Argólida está confirmado.

Os cultos de Hera se desenvolveram com proeminência em pelo menos quatro sítios: no *Heraion* Argivo, próximo a *Prosymna*, em Kourtaki (Hägg 1992: 13); em um pequeno santuário próximo a *Prosymna* também; no *Heraion* de Tirinto; em Micenas (Hägg 1992, *passim*).

Em Tirinto, dos cultos da cidadela, o de Hera parece ter sido o mais antigo (Baumbach 2004: 51). Os testemunhos materiais do culto são um *bóthros* repleto de material datado de meados do séc. VIII a.C. (Geométrico Tardio) até início do séc. VII, e outro depósito votivo, com material remontando principalmente aos Períodos Arcaico e Clássico. De c. 580-570 a.C., data um capitel dórico de estilo corintianizante (Foley 1988: 146), semelhante àquele do templo de Apolo em Corinto; tal achado indica o grande interesse que o santuário despertava para a pólis

de Tirinto, bem como o intuito de os tirintios inserirem-se nos mais recentes desenvolvimentos artísticos, já que Corinto então presidia a criação do estilo dórico. O *Heraion* de Tirinto estava situado em meio às ruínas dos edifícios palacianos de época Micênica (*Idem*, p. 147). Podemos considerar que a localização desse santuário de Hera expressa a busca por Tirinto de se vincular a seus ancestrais e, portanto, legitimar-se enquanto comunidade.

As oferendas votivas do *Heraion* de Tirinto ocorrem do período Geométrico até o Clássico (Baumbach 2004: 51-72). Do Geométrico e do Orientalizante somente datam 20 objetos, e seus temas são gravidez e crescimento, agricultura e vegetação. Ainda, as atividades militares eram um tema a que aludia 18% das oferendas no Período Orientalizante (último quarto do séc. VIII e início do séc. VII a.C.) (*Idem*, p. 71). Nos Períodos Arcaico e Clássico, o número de objetos subiu consideravelmente para 1096, e as oferendas passaram a se distribuir entre área de agricultura e lar e família. Preocupações militares ocorrem somente em 3,2% dos objetos arcaicos e desaparecem do grupo dos clássicos (*Idem*, p. 72).

Em Micenas, pelos textos antigos, sabemos que existia um culto de Hera (Hall 1995: 90). Sobre as ruínas do palácio da Idade do Bronze, foi estabelecido um culto em fins do séc. VIII a.C., mas a identidade da divindade aí cultuada não é totalmente segura e os autores se dividem entre Hera e Atena, mais provavelmente a primeira (Morgan & Whitelaw 1991: 89; Hall 1995: 91).

A paisagem religiosa da Argólida do séc. VIII a.C. igualmente é marcada pelo surgimento dos primeiros cultos de HEROIS (Hägg 1992: 13). Em vários *thóloi* e túmulos-câmara do período micênico começaram a aparecer oferendas votivas em Micenas, Tirinto, na cordilheira do Deiras, situada em Argos, e em *Prosymna*. Tais oferendas eram semelhantes àquelas depositadas no *Heraion* Argivo (*Idem*). As populações da Argólida buscavam, portanto, a ligação com o passado e, certamente, a construção de uma memória cultural. É bem provável que houvesse uma forte relação entre o culto de Hera e o culto dos HEROIS (Hall 2002; O'Brien 1992).

Segundo mencionamos acima, os primeiros indícios de cultos urbanos em Argos datam de c. 750 a.C. e provêm do futuro santuário de Atena no Larisa, a acrópole natural de Argos (Hägg 1992: 7; Bernal 1992: 74). Percebemos que havia correspondência de localização dos primeiros cultos em Argos, Tirinto e Micenas, isto é, sobre as cidadelas. Contudo, a divindade protetora da *ásty* era Apolo *Lykaios*, tal como mostram os autores antigos e o fato de os decretos serem inscritos nas paredes de seu templo. Descrito por Pausânias (II, 49), o santuário ainda não foi encontrado, mas sabe-se que se localizava perto da ágora (Courbin 1998: 195-109). Um altar datado de fins do séc. VI a.C. e que pertencia a Apolo *Lykaios* foi encontrado, o que indica que nessa época, havia construções no santuário do deus. Um outro culto argivo importante era o de Afrodite, cujos primeiros traços são do final do séc. VII a.C. (Piérart & Touchais 1998: 53).

Pausânias (II, 43) narra que, após a destruição de Asine pelos argivos em 750 a.C., eles transferiram o culto de Apolo *Pithaeios*, a divindade protetora de Asine, para o Deiras, onde o deus ficou conhecido como Apolo *Deiradiotes* e lhe era atribuído um oráculo. Há indícios de templo aí no séc. V a.C. somente (Piérart & Touchais 1998: 53).

Pausânias (II, 67) também menciona a existência de um culto de Hera *Akraia* no Larisa, considerado muito antigo. No entanto, nenhum traço deste *Heraion* ainda foi encontrado, pelo que não se conhece a data de seu estabelecimento. O fato de esse culto ter sido localizado na acrópole que abrigou os primeiros cultos de Argos, pode talvez indicar uma data antiga, mas isto não passa de mera especulação.

No cume do monte *Aracnaion* a norte de Argos, existia um santuário de Hera e de Zeus e que remonta ao séc. VII a.C. (Hägg 1992: 7). Vale a pena lembrar que santuários de picos de montanha não eram usuais, normalmente ocorrendo nos declives (Jost 1992: 217).

Estes são os cultos argivos dos quais existem informações arqueológicas. Pausânias (II, 79) menciona a existência de quarenta somente em Argos. De qualquer forma, apesar disto, Hera não foi a divindade protetora da *ásty* de Argos,

já que está claro que tal posição era ocupada por Apolo *Lykaios*.

A deusa Hera, o *Heraion* Argivo e seu culto na Argólida

O caráter e atributos da deusa Hera são uma questão importante para a discussão de seu papel no *Heraion* Argivo, na planície da Argólida e, enfim na pólis de Argos. Não há dúvidas sobre Hera ter sido uma deusa muito antiga da Grécia continental e insular, mas há controvérsias sobre a origem, indo-européia ou não, desta deusa. Nas tabuinhas de Pilos, ela aparece associada já a Zeus, enquanto na Argólida, durante a Era do Bronze, tal fato não acontece. Outros estudiosos sugeriram que Hera tenha sido originalmente associada com Heros. Deste fato decorreria a associação de Hera com alguns HEROIs aqueus e com Héracles.

O 'Brien realizou um estudo sobre a transformação pan helênica sofrida por Hera a partir do séc. VIII a.C.. Esta autora argumenta que durante a época micênica, presidia na Argólida uma deusa suprema vinculada com sazonalidade, regeneração e controle da vida, divindade esta que já seria a própria Hera. Sua esfera de ação não terá sido inicialmente o casamento, mas a vida dos seres vivos de modo geral. Somente com o desenvolvimento de um panteão pan helênico, em que todos os deuses possuíam atributos dentro de um sistema mítico, a esfera de ação de Hera passou a ser principalmente o casamento.

De fato, nos mitos de Hera, o que caracteriza principalmente sua personalidade é o fato de ela não ser domada, não se submeter ao domínio do esposo. Seja lembrado que o casamento era concebido metaforicamente como o ato de domar a jovem, sob o jugo do marido. Hera doma, mas nunca é domada (O 'Brien 1992: 185).

O método da autora é, sobretudo, filológico, mas ela vale-se também de dados arqueológicos para comprovar suas idéias. Ela busca traçar sobrevivências da Hera micênica nos mitos gregos. Embora algumas de suas conclusões sejam

bastante inseguras, podemos tomar em consideração algumas das questões que ela colocou para a discussão da Hera da Argólida.

Certamente, a personalidade de Hera argiva devia algo à Idade do Bronze. Sua importância na Argólida talvez testemunhe em si continuidade, mas o que é importante não é o que ela herdou de épocas passadas, mas a própria articulação das características da deusa na região.

O caráter das oferendas votivas pode fornecer alguns aspectos do culto e das esferas de atuação de Hera. Notória é a quantidade de oferendas votivas ligadas com vegetação e agricultura: 63,6% de 872 objetos no Período Orientalizante e 63,3% de 872 objetos no Arcaico (Baumbach 2004: 78). Este fato faz pensar que a principal esfera de atuação da deusa era a fertilidade da planície argiva, o que evidencia a centralidade de Hera para a sobrevivência das comunidades da planície.

No *Heraion* de Tirinto, foi encontrado um grande número de oferendas votivas também, feliz incidente que permite a comparação com aquelas do *Heraion* Argivo. Do Período Arcaico, datam 462 artefatos, 40,5% dos quais são vinculados ao lar e à família, enquanto 52,2% são ligados à agricultura. Uma minoria era ligada ao nascimento, *kourotrophia* e guerra. Podemos ver uma sobreposição de esferas de atuação de Hera em ambos os *Heraia*. Isto provavelmente indica que a deusa era semelhante em toda a planície da Argólida.

Em Tirinto, contudo, Hera era vinculada diretamente ao espaço físico da comunidade. O santuário da deusa situava-se precisamente em meio às ruínas micênicas da acrópole de Tirinto. O *Heraion* de Tirinto, era o centro em si de (re)produção de identidade da comunidade: o local de construção de uma memória, através da associação de Hera com o passado, bem como com o espaço público. Nesse santuário, foram recuperados restos arquitetônicos de um templo datado do séc. VI a.C., os quais seguem as tendências estilísticas da arquitetura coríntia (Baumbach 2004: 47).

O culto de Hera parece ter sido vinculado em parte ao culto dos HERÓIS. Este fato reforça talvez a ligação entre Hera e Heros na Idade do Bronze (Hall 2003: 94), mas, o que é importan-

te para nossa problemática, demonstra a ligação forte do culto da deusa Hera para a construção da memória e, portanto, da identidade das comunidades argivas, quicá da planície como um todo.

Em relação ao *Heraion* Argivo, é inevitável enfrentar a questão de quem fazia as oferendas votivas e de que comunidade foi responsável por sua edificação. O fato de a proteção de Hera ter sido essencial para a sobrevivência dos habitantes da Argólida ocidental não implica necessariamente que o *Heraion* tenha sido acessível a todas as comunidades da região.

Como dissemos, reina uma controvérsia sobre a comunidade ou os grupos de comunidades que controlavam o *Heraion* até o séc. V a.C., quando já se possui certeza do controle exercido por Argos. Hall, em um grande artigo de 1995, desenvolveu argumentos contra o controle de Argos sobre o *Heraion* de *Prosymna* antes do Período Clássico. Para ele, o culto de Hera foi introduzido apenas tardiamente no panteão argivo e prefere ver a deusa como patrona original de Micenas.

Na *ásty* de Argos, Hera não detinha o culto principal. Os indícios mais antigos de culto coletivo, que mencionamos acima, não pertencem a Hera, mas sim, provavelmente, a Zeus *Larisaios* e a Atena *Polias*. O culto antigo a Hera que Pausânias menciona existir no Larisa não deixou nenhum indício, de modo que não é possível refletir sobre tal culto. De qualquer modo, o modelo bipolar proposto por de Polignac (1995, *passim*) não corresponde ao desenvolvimento cultual de Argos. Se fosse mencionado um assentamento onde Hera tivesse sido a divindade poliáde principal, este seria Tirinto, e não Argos.

Entretanto, embora Hera não fosse a divindade protetora da *ásty* argiva, isto não impede que Argos tenha se valido do culto de Hera para estabelecer sua preeminência política na planície da Argólida.

Uma questão que Hall não procurou responder foi qual a comunidade que criou as obras do *Heraion* nos séculos VIII e VII a.C. e com quais meios. Micenas nunca foi uma comunidade poderosa na Idade do Ferro. Os argumentos enunciados por outros autores (e. g. Morgan, 1991; Piérart, 1998) para se garantir o

domínio de Argos sobre o *Heraion* nos períodos Geométrico e Arcaico são que somente Argos teria sido apta a promover obras de tamanha envergadura (o terraço, o templo e a *stoá*). A cerâmica do *Heraion* era produzida no local e outros materiais não possuem indícios de proveniência argiva, de modo que é difícil obter evidências da origem dos freqüentadores. Hall (1995: p. 599) usa ainda como prova dos vínculos micênicos do *Heraion* a presença de menos de uma dezena de alfinetes encontrados no santuário e que possuem semelhanças estilísticas com outros que foram achados na cidadela de Micenas. Pensamos, no entanto, que tal evidência fornece fundamentação bastante frágil para uma afirmação tão decisiva.

Certamente, Argos era a comunidade mais rica e poderosa da planície no séc. VIII a.C., mas tais obras poderiam igualmente ser o resultado de esforços em comum de assentamentos associados, tais como Micenas, Tirinto e a própria Argos. Kelly (1974: 89-91) chegou a propor que existisse uma *anficionia* de comunidades na Argólida geométrica. Contudo, não há provas a respeito disso, e os autores antigos não se referem a qualquer memória sobre isso.

Seja-nos permitido fazer uma sugestão a respeito da questão de uma *anficionia*. Seja lembrado que de cerca do séc. VIII a.C. data a *anficionia* de Calauréia e que consistia em uma associação de comunidades da Argólida unida pelo culto de Poseidon. Bintliff (1977: 153) afirma que confederações religiosas devem ter sido muito importantes para as integrações regionais mais antigas, ao que podemos aproximar o caráter dos *éthne* e dos santuários pan-helênicos. Poderia ter sido o *Heraion* o centro de uma associação religiosa de comunidades da planície da Argólida, análoga à *anficionia* de Calauréia? Hera desempenhava um papel muito importante para a fertilidade da planície, como acreditamos, e o *Heraion* era localizado de sorte a proteger a planície em geral e, por conseguinte, suas comunidades. Como Argos era o assentamento mais proeminente da Argólida ocidental, poder-se-ia pensar que Argos própria teria presidido tal tipo de liga.

Sabemos que a existência de aristocratas (os *agathoi*, cf. Morris 1987, *passim*) era um fenô-

meno importante para a organização social das *poleis* nascentes, e uma das características das práticas sociais aristocráticas era a competição e a busca por maior prestígio. Alguns enterramentos encontrados em Argos de até o início do séc. VII a.C. eram caracterizados por grande ostentação (*Idem*). O *Heraion*, sugerimos, pode ter sido o produto de tais competições aristocráticas entre as comunidades da planície. Os aristocratas argivos, justamente por causa de sua maior riqueza e poderio militar (Snodgrass 1980: 107-108), devem ter sido os mais aptos a realizarem as contribuições para o santuário de Hera, sejam elas arquitetônicas, sejam elas votivas. Portanto, o *Heraion* pode ter sido um centro de mediação e competição entre as comunidades da planície da Argólida.

Conclusão

Pelo que expusemos e discutimos acima, pensamos que foi possível apresentar a relação do culto de Hera com o desenvolvimento histórico da planície da Argólida. Os vestígios arqueológicos fornecem indícios suficientes que permitem estabelecer algumas relações entre o papel dos santuários e desenvolvimento das comunidades da Argólida ocidental. Conseguimos realizar o vínculo entre o culto de Hera na planície da Argólida com as esferas de atuação da deusa nas questões principais das comunidades da planície. Estudos que abordam densamente o desenvolvimento de uma pólis e de sua religião poliade enquanto contextualizado nas tendências históricas de uma região são capazes de fornecer contribuições importantes para o entendimento das funções dos santuários para a consolidação e reprodução das sociedades poliades.

Um passo importante será dado quando forem realizados estudos pormenorizados que vinculem as tão ricas tradições míticas da Argólida com a construção de paisagens cultuais e de comunidades. Este é um tema que Piérart fez do ponto de vista filológico. Agora resta um estudo holístico que, integrando documentos textuais e fontes materiais, abarque a questão do culto e de sua relação com os desenvolvimentos sociais e políticos na planície da Argólida.

DINIZ, S. The Argive Heraion and the Formation of the Polis of Argos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 57-69, 2011.

Abstract: In this article we intend to present the evolution of the sanctuary of Hera located in the Argolid Plain, also known as Heraion Argive, as contextualised in the development of the communities of the Plain in the Archaic Period. In the fifth century BC, the polis of Argos assumed control of the Heraion and achieved some important changes in the sanctuary, especially in the architectural appearance and the rituals, as if to display the legitimacy of its own power over the Argolid Plain.

Keywords: Heraion - Argolid - Polis.

Referências bibliográficas

- AMANDRY, P.
1952 Observations sur les monuments de l'Héraion d'Argos. *Hesperia*, 21: 222-274.
1982 Sur les concours argiens. *BCH*, Supplément 22: 211-253.
- BAUMBACH, J.
2004 *The Significance of Votive Offerings in Selected Hera Sanctuaries in the Peloponnese, Ionia and Western Greece*. Oxford: Archaeopress.
- BERNAL, F.
Argos du palais à l' agora. *Dialogues d'Histoire Ancienne*, 18: 61-88.
- BILLOT, F.
1997 Recherches archéologiques récentes à l'Héraion d'Argos. In: de La Gernière, J. (Ed.) *Héra: Images, Espaces, Cultes*. Nâpoles, De Boccard: 11-81.
- BINTLIFF, J.
1977 *Natural environment and human settlement in pre-historic Greece*. Oxford: BAR International Press.
- CAMP, J.M.
1986 *The Athenian Agora: excavations in the heart of classical Athens*. London: Thames and Hudson.
- FOLEY, A.
1988 *The Argolid: 800- 600 BC. An Archaeological Survey*. Götterborg: Paul Astroms Vorlag.
- GADALOU, A.
2003 The formation of the sacred landscapes of the Eastern Argolid, 900-700 BC. In: Hägg, R. (Ed.) *Peloponnesian Sanctuaries and Cults*. Estocolmo, Paul Astroms Forlag: 37-43.
- HÄGG, R.
1992 Geometric sanctuaries of Argolid. In: Piérart, M. (Ed.) *Polydipsion Argos*. Atenas: 5-14.
- HALL, J.
1995 How Argive was the Argive Heraion. *AJA*: 577-613.
2003 Heroes, Hera and the Herakleidai in the Argive plain. In: Hägg, R. (Ed.) *Peloponnesian Sanctuaries and Cults*. Estocolmo, Paul Astroms Forlag: 93-98.
2006 Alternative Responses within polis formation: Argos, Mykenai, Tiryns. In: Damgaard, A. (Ed.) *Urbanization in the Mediterranean (Acta Hyperborea)*. Copenhagen, Götterborg Vorlag: 89-109.
- JOST, M.
1985 *Les Sanctuaires de l'Arcadie*. Paris: De Boccard.
1992 Sanctuaires ruraux et sanctuaires urbains em l'Arcadie. In: Schachner, A. (Ed.) *Le Sanctuaire Grecque*. Genebra, Vandoeuvres: 206-238.
2001 The sanctuaries of Arcadia. In: Alcock, S.; Osborne, R. (Eds.) *Placing the Gods*. Oxford, Oxford University Press: 123-134.
- KELLY, T.
1974 *A History of Argos*. Minneapolis: Michigan University Press.
- KRITZAS, B.
1992 Quelques aspects de la vie d' Argos au V siècle. In: *Polydipsion Argos*. Atenas: 87-110.
- MORGAN, C.; WHITELAW, D.
1991 Pots and Politics: Ceramic evidence for the rise of the Argive State. *AJA*: 79 - 108.

- MORGAN, C.
1991 *Athletes and Oracles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MORRIS, I.
1987 *Burial and Ancient Society*. Cambridge: Cambridge University Press.
- O'BRIAN, A.
1992 *The Transformations of Hera*. Maryland: Rowman and Littlefield.
- PARIENTE, A.
1998 Topographie d'Argos à l'époque classique et hellénistique. In: Pariente, A. (Ed.) *Argos et l'Argolide*. Paris, De Boccard: 137-146.
- PFAFF, C.
2003 *The Argive Heraion*. Athens, American School of Classical Studies.
- PIÉRART, M.
1997 L'attitude d'Argos envers l'Argolide. In: Hansen, M.H. (Ed.) *The Polis as an Urban Centre and as a Political Community*. Symposium, August 29-31, 1996. Acts of the Copenhagen polis Centre vol. 4. Copenhagen, Munksgaard: 151-167.
- PIÉRART, M.; TOUCHAIS, G.
2000 *Argos: Une ville de 4000 ans*. Paris, CNRS.
- POLIGNAC, F. DE
1995 *La Naissance de la Cité Grecque*. Paris: Éditions la Découverte.
- SCHACHTER, A.
1992 Policy, cult, and the placing of Greek sanctuaries. In: Schachter, A. (Ed.) *Le Sanctuaire Grec*. Geneva, Vandoeuvres: 1-57.
- VINK, M.
2003 Sanctuaries and cults in an early urban context: Argos c. 900-500 BC. In: Hägg, R. (Ed.) *Peloponnesian Sanctuaries and Cults*. Estocolmo, Paul Astroms Forlag: 53-62.
- WALDSTEIN, C.
1902 *The Argive Heraeum: I*. New York, American School of Archaeology at Athens.